



NORMAN: confie em mim. Roteiro e direção: Joseph Cedar. Produtores: David Mandill, Lawrence Inglee e Miranda Bailey. Distribuidor: California Filmes. 2016 (no Brasil em 2017). 117 min.

## De Menachem-Mendel a Norman

Nancy Rozenchan\*

Universidade de São Paulo (USP) | São Paulo, Brasil

nrozench@usp.br

Menachem-Mendel, com mais de 120 anos de idade, é imorredouro. Por vezes, ele sai de cena, mas ressurge, com vigor redobrado, em contextos dos mais diversos. Ele é, assim, personagem e narrador de *Correspondência de Menachem-Mendel e Sheine-Sheindl*, a primeira grande obra ficcional do autor de língua ídiche Sholem Aleichem.<sup>1</sup> Menachem-Mendel é um *luftmentsh*, um sonhador, que se esforça para ganhar a vida negociando, nunca deixando o fracasso entrar no caminho do seu próximo empreendimento. Ele surge como um azarado especulador na bolsa russa e não tem melhor sucesso como casamenteiro, escritor ou corretor. Uma boa parcela de experiência nesse assunto não faltou ao famoso autor: o próprio Sholem Aleichem, que se tornara pessoa abonada com o falecimento do sogro, viu a fortuna se esvaír na bolsa de Odessa e de outras cidades e teve o resto de sua existência marcado pela busca de recursos para o sustento da família. Menachem-Mendel, típico personagem ídiche do leste europeu, narrou seu sonhos, expectativas e desastres nas cartas que enviou à esposa Sheine-Sheindl.

O leitor contemporâneo poderá citar, de imediato, vários nomes que podem ser considerados releituras de Menachem-Mendel e que tiveram destaque nos últimos tempos em especulações, bem ou mal intencionadas, com bons ou péssimos resultados, tanto no literatura quanto no cinema. O filme *Norman: confie em mim*,<sup>2</sup> do autor-diretor israelense-americano Joseph Cedar (2016), trata de uma dessas releituras. Nele, o personagem Norman Oppenheimer, com ótima atuação de Richard Gere, é um operador de negócios que sonha desenvolver esquemas financeiros obscuros ou mirabolantes que, todavia, nunca se concretizam. Para isso, ele aborda ou insinua-se junto a pessoas que poderiam, em sua opinião, abrir-lhe

---

\* Professora Sênior de Língua e Literatura Hebraica da Universidade de São Paulo (USP).

<sup>1</sup> Persona literária de Sholem Rabinovitsh [1859-1916].

<sup>2</sup> NORMAN: The Moderate Rise and Tragic Fall of a New York Fixer. Roteiro e direção: Joseph Cedar. Produtores: David Mandill, Lawrence Inglee e Miranda Bailey. Distribuidor: California Filmes. 2016 (no Brasil em 2017). 117 min.



portas para altos e rendosos negócios ou esquemas, em geral duvidosos, mas ninguém quer lhe dar ouvidos. Um raro personagem que o escuta, ainda que não para negócios, é o ainda pouco prestigiado político israelense Micha Eshel (interpretado por Lior Ashkenazi).

Na prática, não se sabe inicialmente do que tratam, pois a cena não audível, como de cinema mudo, é filmada de dentro de luxuosa loja de calçados a cuja vitrina Norman aborda o político. Este parece sonhar com inacessíveis sapatos de preços astronômicos ou talvez com a difícil ascensão ou rápido declínio na carreira política ou mesmo, ainda, o que tais sapatos poderiam representar na sua vida: um estouro no orçamento, um luxo que gostaria de usufruir, quais comentários o gesto de um político exibicionista despertaria. Norman, indo provavelmente à falência com o ato generoso, convence, por fim, o israelense a aceitar o sofisticado presente que sela a aproximação entre eles. Três anos depois, Eshel torna-se um influente político e, ao reencontrar Norman em Nova York, alavanca, de algum modo, a carreira do malsucedido Oppenheimer, não para benefício próprio como ansiado, mas para inesperados outros propósitos.

O tímido título do filme em português não exprime de forma suficiente os traços de Norman e nem o seu fim. *Fixer*, como consta no título original em inglês, é uma pessoa que vive de expedientes, ou seja, de oportunidades ou negócios fortuitos, em geral ilícitos. O título hebraico do filme faz uso de uma palavra ídiche muito apropriada para essa função, um *macher*, substantivo que pode abranger um conceito tanto positivo como pejorativo. O título do filme traduzido ao ídiche também faz uso da palavra *macher*. No alemão, do qual se originou o termo, o significado é de alguém que atua e faz. Já no ídiche e no hebraico, acentua-se o pendor negativo, indicando um fraudador, alguém cheio de artimanhas.

À medida em que percebe que Norman somente é capaz de atuar de forma parasita, com sobreposição de mentiras para encobrir os avanços que ele pretende obter nas várias frentes pelas quais se lança, o espectador tem dificuldade de encontrar uma posição confortável: torcer para que, apesar de tudo, ele consiga alcançar alguns dos objetivos almejados, ou seja, ganhar dinheiro, projeção, espaço e posição ou, na falta de alternativa, assistir à sua derrocada na esquina seguinte.

Sempre é bom lembrar que um Menachem-Mendel, segundo o modelo original, goza de boa parcela de afeto do leitor ou espectador porque, no fundo, pode não ser tão mau-caráter. O prenome duplo, tão usual no mundo judaico a ponto de sequer se ponderar sobre o seu significado, pode indicar uma bagagem particular. *Menachem*, em hebraico, significa “consola” ou “consolador”; *Mendel*, que alguns traduzem como diminutivo de *Menachem*, é, na realidade, “homenzinho”. Será tão ruim assim dar um rico presente a um político com o qual não se pretende obter, ao menos de imediato, nenhum benefício? Proporcionar algo que satisfaça o abatido ego de ambos, do doador e do beneficiado? Afinal, mesmo que com atitudes às vezes um



pouco truculentas em que cada parte precisa mostrar e impor a importância dos laços e o nível desigual no relacionamento, judeus norte-americanos sempre tiveram um afeto particular por Israel, e Israel e israelenses sempre foram extremamente sensíveis à ligação intensa com os Estados Unidos. Presentear com um par de sapatos é, assim, uma metáfora e uma expressão desse afeto.

Todavia, de forma simultânea, o filme traz, em segundo plano, de modo um tanto esmaecido, outra faceta de Norman que somente se torna um pouco mais nítida quase no final da trama. Assim como ele procura quem possa lhe abrir uma porta para alguns expedientes, essas outras pessoas, que não são Menachem-Mendels e, sim, “peixes” maiores que se encontram em posições mais privilegiadas para obter aquilo que acham que pode estar ao seu alcance, também necessitam de Normans e suas artimanhas, seja para conseguir verbas para cobrir as despesas da sinagoga ou o contato certo para garantir a vaga em Harvard para o filho do político israelense, agora em posição de destaque em Israel e prestigiado nos Estados Unidos.

No entremeio, Norman quer ajeitar um casamento judaico do sobrinho que se une a uma noiva asiática não judia. São três feitos cumpridos em correntes que se entrelaçam com as frustradas tratativas de obter algum benefício pessoal. Haverá algum mal em cumprir *mitsvot* (mandamentos) deste ou outro naipe, mesmo que com o uso de subterfúgios pouco escrupulosos? É verdade que é discutível enquadrar essas complexas missões na categoria de *mitsvot* puras e provavelmente autoridades religiosas não as aceitariam como tais. Norman não se expressa nem filosofa sobre o tema de cumprir preceitos. Ele é prático e empenha-se em cumprir o que acredita ser sua missão.

“A recompensa da *mitsvá* é a [própria] *mitsvá*” ensinam os eruditos do Talmude. Ou seja, nada pode recompensar um mandamento mais do que seu próprio cumprimento. Se se leva em conta o que está implícito em um Menachem-Mendel pelo seu nome, o pequeno homem que deve ser consolado pelas suas imperfeições, é somente do beneplácito divino que ele pode obter algum respaldo. E, para obtê-lo, cumprir as *mitsvot* é de bom alvitre.

Mais uma vez, como em outros de seus filmes, Cedar expõe as complexas redes de crise moral e espiritual. No caso de *Norman*, é conveniente que o espectador não conclua rapidamente os seus juízos de valor.

-----

Recebido em: 09/08/2017.

Aprovado em: 09/10/2017.